

do professor Monod, sem um profundo sentimento de desencorajamento. Não só o autor não crê em nada, como também os fatos científicos por ele apresentados como irrefutáveis são falsos (ver, principalmente, o artigo do professor Pierre P. Grassé sobre a hereditariedade dos caracteres adquiridos no número 3 de *Savoir et Action*).

Contudo, para um Monod, existem nas ciências dez Hoyle. Sir Frederic Hoyle, o célebre astrofísico, escreve livros mais ricos em aberturas fantásticas do que seus próprios romances de ficção científica que, no entanto, são extraordinários.

Em *Atomes et Galaxies* (Buchet-Chastel), escreveu:

“Seria possível escrever num pedaço de papel cinco linhas, nada mais do que isto, que destruiriam toda a civilização.”

Do mesmo calibre é o texto de Frederic Soddy, o prêmio Nobel, o homem que descobriu os isótopos, quando fala em *L'interprétation du Radium* (Alcan) sobre as antigas civilizações mais avançadas do que a nossa e das quais descende a alquimia.

Eric Temple Bell (cujos romances de ficção científica, escritos sob o pseudônimo de John Taine, são espantosos mas não menos do que seus livros de não-ficção) demonstrando o caminho que vai da geometria do espaço curvo à bomba de Hiroshima, observa:

“O leitor verá assim que a porta do inferno é aberta pela equação 58b”.

Os verdadeiros cientistas, e não os parasitas da ciência, tiveram em sua vida um ou diversos momentos de revelação que nos transmitem. Como diz Wells em *Place aux Géants*: “Eles escrevem em letras de fogo sobre o pergaminho negro do abismo.”

Um livro dez vezes maior do que este não bastaria para enumerar as obras dos verdadeiros cientistas, e acho que uma bibliografia seria mais nociva que útil.

Contudo, é fácil encontrar nas bibliotecas ou comprar um livro de bolso das obras dos verdadeiros e autênticos cientistas, onde encontraremos todas as idéias deste livro e muitas outras. Ainda se quisermos procurar mais longe, será preciso ler as obras completas dos cientistas e seus discursos quando do recebimento do prêmio Nobel, reunidos num volume pela fundação Nobel.

Aí encontraremos as idéias mais extraordinárias e também os fatos mais estranhos.

J. B. S. Haldane, biólogo inglês recentemente falecido, escreveu num dos seus livros:

“O universo não é apenas mais estranho do que imaginamos; é mais estranho do que tudo aquilo que podemos imaginar.”

Basta ler *The Inequality of Man e Possible Worlds*, de Haldane, para nos convenceremos disto. Haldane disse, e isto deve ser a divisa de todo pesquisador independente:

“Interesso-me pelo que é estranho em químico-física porém não o desprezo em outros campos.” (Aquilo que Haldane chamava de químico-física em 1924, quando foram escritas estas linhas, é o domínio que depois deu origem à física nuclear e à biologia molecular. Ver meu trabalho *Les Empires de la Chimie*, Albin Michel).

A verdadeira atitude científica é a de Haldane, claro, e não a de alguns funcionários da ciência, de visão estreita, que pretendem representar a ciência na França.

A mentalidade francesa corresponde a um período de decadência da ciência neste país, mas não po-